

VLADIMIR ILITCH ULIANOV, dito **LENINE** (1870-1924)



Em todo o nacionalismo burguês de uma nação oprimida existe um conteúdo democrático geral dirigido contra a opressão; e é este conteúdo que nós apoiamos sem restrições

- ♦ Líder político russo, militante do Partido Operário Social Democrata da Rússia, do qual, em 1903, se torna inspirador da ala *bolchevique*.
- ♦ Em 1917, quando estava exilado em Zurique, regressa a Petrogrado, onde intervém no processo da revolução de Fevereiro, contrariando os objectivos de Kerenski que acaba por derrubar na Revolução de Outubro (16 a 29 de Outubro) que vai dar origem à URSS.
- ♦ Cria uma ideologia que, alguns como Monnerot, consideram o *Islão do século XX*, ao acrescentar ao marxismo original, marcado pela luta de classes doméstica, a dimensão universal da luta dos povos oprimidos contra os exploradores.
- ♦ Vislumbra assim que os processos de libertação nacional constituem uma energia que deve corrigir a anterior perspectiva do marxismo social-democrata da I Internacional.
- ♦ Admite que a burguesia nacional dos povos oprimidos deve aliar-se com o proletariado local, mesmo que ambos se assumam contra os interesses do proletariado das nações opressoras.
- ♦ Em 1914 Lenine, embora defendesse o *internacionalismo proletário* contra o *nacionalismo burguês*, já reconhecia que *em todo o nacionalismo burguês de uma nação oprimida existe um conteúdo democrático geral dirigido contra a opressão; e é este conteúdo que nós apoiamos sem restrições*.
- ♦ A chave da flexibilidade marxista-leninista que vai ter na obra de Lenine, escrita em 1916 e publicada na Suíça nos inícios do ano seguinte, *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*, um dos últimos condimentos da poção mágica. Nesta obra, eis que o velho marxismo da social-democracia, que apenas admitia o dualismo social da luta de classes e tentava abstrair-se da

questão nacional e colonial, nos quadros de um vago internacionalismo cosmopolitista, vai transformar-se, sem negar as origens. E é a partir deste tópico que se constitui o marxismo-leninismo que assenta, sobretudo, no dualismo geográfico dos povos imperialistas e dos povos oprimidos. Com efeito, a partir da teoria leninista do imperialismo, o movimento político não se reduz apenas a classes que se oprimem, sendo, sobretudo, marcado por zonas territoriais que avançam e recuam conforme o espaço da libertação da revolução mundial socialista-proletária. Como explicita o próprio Lenine: *supor que uma revolução social é pensável sem uma revolta das pequenas nacionalidades das colónias e da Europa, sem explosões revolucionárias da pequena burguesia com todos os seus preconceitos, sem o movimento das massas proletárias e semiproletárias inconscientes contra a opressão da nobreza, das igrejas, monarquias e nações estrangeiras – supor isso é abjurar da revolução social.*

♦ Lenine vem considerar que o imperialismo, longe de significar um modo de produção diferente do capitalismo, constituiria uma espécie de *super-estrutura* do próprio capitalismo, dado incluir, além da política, do Estado e do exército do capitalismo, a própria ideologia nacionalista e colonialista da ala mais activa da sociedade capitalista. Uma superestrutura que causaria perturbações a nível da própria infraestrutura e de outras superestruturas: por exemplo, o imperialismo teria gerado na Rússia o desenvolvimento da pequena parte industrializada da economia, provocando transformações rápidas e anárquicas, em contraste com um maioritário sector agrícola arcaico; outra perturbação seria a de se criar uma burguesia minoritária e desfalecida, incapaz da revolução burguesa, deixando essa tarefa para o proletariado que, ao instituir o Estado socialista, estabeleceria uma superestrutura com avanço sobre a quase totalidade das infra-estruturas, que continuariam regidas pelo feudalismo. A partir deste núcleo central, Lenine vem falar numa *lei de desenvolvimento desigual* do capitalismo, rejeitando a tese, então dominante, entre os marxistas, segundo a qual a revolução surgiria simultaneamente em todos os países capitalistas avançados. Nestes termos, considera que haveria um processo revolucionário por fases sucessivas e que a primeira ruptura na frente imperialista aconteceria num Estado autocrático e atrasado. Repelindo a hipótese de, neste caso, os trabalhadores conquistarem o Estado para o entregarem à burguesia, que o poria a funcionar, Lenine defende, então, uma aliança operário-camponesa, contrariamente às posições do marxismo social-democrata que, mantendo uma espécie de *concepção ferroviária da história*, ainda perspectivam uma prévia revolução burguesa antes da revolução socialista. Lenine desenvolve o esquema da revolução em causa como início da *revolução mundial*, abrangendo os dois outros conjuntos económico-sociais do mundo: primeiro, *os países semicoloniais, como a China [...] e o conjunto das colónias*; depois, *os países capitalistas da Europa*

*ocidental e dos Estados Unidos. Mas Lenine sabia que, com o hibridismo gerado, tanto podia mobilizar um nacionalista para o internacionalismo, como desarmar nacionalismos pela mesmíssima mistura explosiva. Porque neste domínio haveria, sobretudo, que entender o movimento libertacionista, instrumentalizando a revolta em nome de uma ideia abstracta, mas desde que a mesma fosse susceptível de ser lida pelos mais contraditórios sonhadores dos *amanhãs que cantam*. Como ele próprio explicitou: *as pessoas que não tenham examinado bem a questão acharão "contraditório" que os sociais-democratas de nações opressoras insistam na "liberdade de secessão" e os sociais-democratas das nações oprimidas na "liberdade de união". Mas um pouco de reflexão mostra que não há nem pode haver qualquer outra via para a internacionalização e a fusão das nações, qualquer outra via da situação presente para aquele objectivo*. Isto é, Lenine transformou a velha teoria do imperialismo numa táctica magistral: importava apoiar qualquer movimento tendente a destruir o sistema adversário em qualquer lugar da terra, por qualquer razão mobilizadora do movimento oposicionista e em nome dos interesses de qualquer classe social. Pelo que, as consequências podiam ser várias: a libertação de países coloniais, os movimentos de camponeses ou os levantamentos nacionais burgueses, mas desde que se fizessem contra os chamados imperialistas. Foi esta mestria que permitiu aos soviéticos dotarem-se, para o universo do império russo, de uma política de nacionalidades marcada pela ambivalência, pela flexibilidade e pela habilidade. Foi com este ponto programático que Lenine conseguiu derrotar os russos brancos durante a guerra civil. Com efeito, Denikine, quando dominava territorialmente, tratou, muito rigidamente de defender uma *Rússia grande e indivisa*, um colete de forças que nem sequer lhe permitiu uma conveniente aliança com o nacionalismo ucraniano, numa frente anticomunista. Contra isto, a partir de Moscovo, os soviéticos iam lançando a confusão na retaguarda dos brancos, quando prometiam e praticavam a autodeterminação das nacionalidades, ao mesmo tempo, que constituíam um Exército Vermelho que mobilizava antigos oficiais czaristas, os quais, muito esotericamente, iam praticando a *ideia russa*.*

♦O organizador intelectual da revolução de Outubro que desencadeia o soviétismo e se corporiza na URSS, tendo como principais colaboradores Trotski, o estratega que permite a vitória dos vermelhos na guerra civil, e Estaline, o comissário para os assuntos das nacionalidades que, controlando o aparelho do partido, a partir da respectiva posição de sargento verbeteiro, se há-se transformar no cônsul e supremo mandador do movimento.

•*O que fazer?*, 1902

•*Materialismo e Empirio-Criticismo*, 1908.

- *O Imperialismo, Fase Superior do capitalismo*, 1916.
- *O Estado e a Revolução. A Doutrina do Marxismo sobre o Estado e as Tarefas do Proletariado na Revolução*, 1917. Cfr. trad. port. de M. Paula Duarte, Lisboa, Editorial Estampa, 1978;. Cfr. tb. *Obras Escolhidas*, Lisboa-Moscovo, Edições Avante-Edições Progresso, 1978, tomo II, pp. 218 segs..

☐ Besançon, Alain, *As Origens Intelectuais do Leninismo*, trad. port. de Miguel Serras Pereira, Lisboa, Via Editora, 1977, Colas, Dominique, *Le Leninisme. Philosophie et Sociologie Politique du Leninisme*, Paris, Presses Universitaires de France, 1982; Harding, N., *Lenin's Political Thought*, Londres, Macmillan, 1978.

☞ Favre, Pierre, Favre, Monique, *Marx depois de Marx*, trad. port. de António Guimarães, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 197; Maltez (ESPE, 1991), I, pp. 171-17; - *O Imperial Comunismo*, Lisboa, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1993.